

# Impasse em Moçambique

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 2 DE SETEMBRO DE 1991

**T**EM sido notória a preocupação da Renamo em fazer arrastar o mais possível o processo de negociação de paz para Moçambique. Com efeito, é sempre da sua delegação que partem os pedidos de interrupção do diálogo e os pretextos para pausas mais ou menos dilatadas. Desta vez o pretexto invocado foi o facto de pretender reflectir sobre as conclusões do VI Congresso da Frelimo, realizado entre 12 e 23 de Agosto.

Mas se, de alguma forma, esta justificação ainda merece uma certa credibilidade, já o mesmo se não poderá dizer da insólita proposta que, simultaneamente, avançou no sentido da realização de uma conferência dos países da África Austral para debaterem a paz em Moçambique.

Segundo o porta-voz da organização em Lisboa, a iniciativa terá partido do próprio Dlakhama e pretende que somente depois de efectuada esta conferência — em que, obviamente, a Renamo também deseja participar — deverão prosseguir, em Roma, as conversações que aí têm estado a efectuar-se.

Esta proposta do líder da resistência armada moçambicana é, no mínimo, bizarra e o Governo de Moçambique já sobre ela tomou posição. Muito embora, até ao momento, a Frelimo pareça ainda não ter sido directamente informada, pelo seu opositor, desta pretensão, o partido no Poder em Maputo, pela voz do chefe da equipa negocial, Armando Guebuza, lamentou já a proposta e classifica-a de «mais uma manobra dilatatória».

Com efeito, não há, à primeira vista, nada que realmente justifique a realização de uma conferência como aquela que a Renamo reclama, a começar pelo facto de nenhuma das duas partes parecer ter razões de queixa da mediação. A delegação da Frelimo já o declarou expressamente; e, por seu lado, ao sublinhar que, após a realização da cimeira, o processo de paz será retomado em Roma, a Renamo dá também a entender que não pretende desligar-se dos mediadores de Santo Egidio, reconhecendo, implicitamente, a validade da sua actuação.

Não será fácil a tarefa de mobilizar os países da África Austral para a realização da pretendida conferência. De uma maneira ou de outra, todos têm, neste momento, as suas próprias questões internas a resolver e que lhes absorverão as atenções. Depois, num processo destes, há sempre pormenores que se levantam e que, parecendo de somenos importância, acabam sempre por levar a um arrastar de diligências e contactos. A ir por diante o desejo manifestado por Afonso Dlakhama, haverá um substancial atraso no processo de negociações em curso em Roma. Compreende-se, assim, que Guebuza não tenha hesitado em classificar a proposta agora avançada pela Renamo (aliás, pouco clara nos exactos objectivos) como «mais uma manobra dilatatória». Não há dúvida de que

a resistência moçambicana sente que não está minimamente organizada e preparada para nestes tempos mais próximos poder passar da guerrilha armada à luta no campo político. Não possui quadros e a sua estrutura partidária será pouco mais do que incipiente — como o documentário realizado pela RTP e recentemente passado no pequeno ecrã claramente deu a entender a quantos o viram. Por todas estas razões, compreende-se que a Renamo não esteja disposta a entrar, tão cedo quanto Chissano procura que o faça, num confronto de outro tipo que não o da luta no mato. Só assim se entende este jogo de pseudo-avanços e efectivos recuos a que tem vindo a entregar-se e de que esta nova interrupção nas conversações, ao que tudo indica por tempo indeterminado se a proposta quanto à conferência alargada prevalecer, conduzirá.

Por sua vez, e isso foi notório no recente Congresso há dias terminado, a Frelimo prepara-se para os dias que se avizinham. Assim, enquanto desde os tempos de Eduardo Mondlane e, depois, de Samora Machel os seus dirigentes eram predominantemente do Sul, os agora eleitos pertencem já, em larga percentagem, ao Centro e Norte do país. Mais ainda: entre os 15 membros da Comissão Política surgem, pela primeira vez, também mulheres.

Como se sabe, a última ronda de negociações para a paz decorreu entre 1 e 19 de Agosto, tendo a mediação submetido à consideração das duas partes três documentos compreendendo todos os problemas políticos levantados a partir da agenda da sétima ronda. Na altura, a mediação italiana pediu ao Governo moçambicano e à Renamo que procedessem ao exame do conjunto das propostas e marcou para Setembro, ainda sem data exacta, a oitava ronda das negociações. O que não parece muito viável, caso Dlakhama insista na realização da cimeira que propôs. Enquanto isto, a situação interna em Moçambique continua a degradar-se, a resistência não abranda nos seus ataques a localidades, as populações permanecem entregues a um quotidiano feito de incertezas e carências de toda a ordem e, economicamente, o país mergulha no caos mais completo. Só a paz poderá abrir caminho à desejada recuperação. Mas a quem interessará ela, de facto?